

“Post” critica bancos

Washington — O Brasil precisa cumprir seus compromissos financeiros com os bancos credores, pois as dificuldades para o pagamento de sua dívida externa são “resultados de seus problemas econômicos internos e não a causa deles”. Por outro lado, os bancos estrangeiros têm o dever de dar novos créditos e em melhores termos ao Brasil e abdicar de sua posição “arrogante e inflexível” no tratamento da dívida externa dos países do Terceiro Mundo.

Estas são as principais idéias do editorial que o **Washington Post** publicou ontem, o segundo dedicado pelo jornal à economia brasileira este mês. O **The New York Times** já havia publicado na terça-feira outro editorial sobre o Brasil, também o segundo em fevereiro.

O **Post** não poupa críticas aos bancos credores, lembrando que eles tiveram tempo para acumular reservas e que sua posição agora é bem melhor do que quando a crise da dívida começou. “Em particular, o Citicorp, de Nova Iorque, que levou sua intransigência e insistência ao último níquel, a tal ponto que começou a provocar fortes objeções do

governo Reagan”. O editorial ressalta que o caso do Brasil não é isolado e que o México e as Filipinas enfrentam muitos problemas com a “intransigência” de seus credores privados.

O **Washington Post** porém diz que o Brasil tem também suas responsabilidades. Critica o presidente Sarney por comprometer as exportações “tentando comprar popularidade com aumentos salariais altamente inflacionários” e adverte que uma política imprudente para com os compromissos financeiros poderá significar o corte de todos os novos créditos comerciais, “com terríveis consequências para o governo do presidente José Sarney que nacionalismo algum poderá recuperar”.

“As linhas para o compromisso necessário são bastante claras. Os bancos têm que prover algum dinheiro novo, sem delongas e com melhores termos do que no passado. O Brasil, por sua parte, precisa cumprir seus pagamentos. Ele não tem o direito de não pagar. Mas tem o direito a um tratamento generoso dos bancos, que têm lucrado vigorosamente com estes empréstimos”, conclui o editorial.